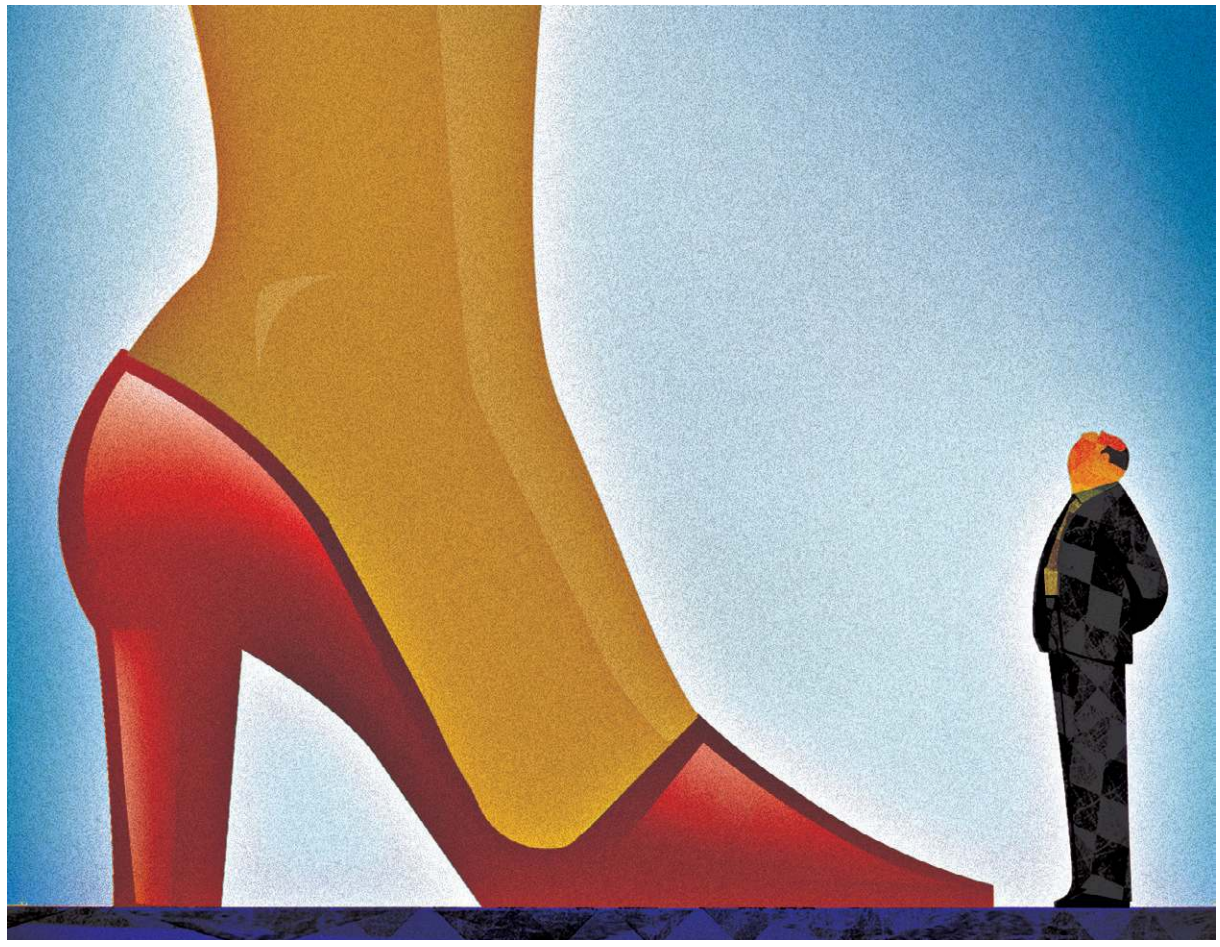
Por Paulo Pestana (Especial para o Correio)
papestana@uol.com.br



Mudança de GÊNERO



Não sei quem será o eleito. Aliás, estou em boa companhia, já que nem os institutos de pesquisa sabem. Mas o próximo empossado no mais alto cargo da nação deveria passar a se denominar presidento — assim mesmo, no masculino, para não deixar mais dúvidas. Se tivemos uma presidenta, precisamos de um presidento. E deixamos o gênero neutro para quem gosta dele.

Não que presidenta esteja errado, ao contrário. É verbete registrado em dicionários antigos, bem antes da dona Dilma chegar ao poder. Mas se ela marcou posição por ser mulher, devemos fazer o mesmo, antes que o tão vilipendiado gênero masculino sucumba de vez à campanha difamatória que estamos sofrendo.

Não que nós não tenhamos merecido um pouco disso tudo por atos pretéritos, mas estão exagerando e quase propondo a nossa extinção. Perdemos até a exclusividade do uso da calça comprida sem ter o direito de usar saias — como forma de igualdade, óbvio —, a não ser aqueles que nasceram na Escócia. Se bem que, hoje em dia, pode tudo.

Me preocupa mais é saber que um dia as mulheres possam querer usar bigode e cavanhaque.

Mas o macho nunca foi muito decente com as fêmeas, desde os tempos em que — dizem, mas não provam — puxavam as mulheres pelos cabelos, caverna adentro. Milhares de anos se passaram e a relação em nada melhorou, até que no século passado as mulheres descobriram que quem mandava de verdade eram elas. E começou a nossa derrocada.

Tudo começou com as sufragistas inglesas que, como embrião dos movimentos feministas, exigiram o direito a voto. Daí foi um rastilho de pólvora, com algumas queimas de sutiãs, passeatas e eventuais exageros, mas marcada por conquistas que precisam, infelizmente, ser reafirmadas a cada dia.

Mulher tem mais juízo que homem e é por isso que os governos preferem dar os auxílios sociais, principalmente os financeiros, para elas. É um jeito de evitar que virem pinga e ficha de sinuquinha, que, embora movimentem a economia, não alimentam as crianças. E elas vêm avançando em todo tipo de atividade, não apenas substituindo homens, mas fazendo deles obsoletos em tudo o que é posto. E cada vez mais alto.

O termo presidenta parece que pegou de vez. Antes, havia poucos registros, era uma palavra perdida no meio de outras cerca de 600 mil que se calcula existirem na língua portuguesa — o *dicionário Houaiss* registra cerca de 400 mil. Agora, está até nos livros best-sellers, como ocorre com *Nunca*, do escritor galês Ken Follett, no qual os tradutores optaram por chamar a imaginada chefe de estado dos EUA de "presidenta".

Portanto, é hora de reagir antes que a autobiografia de Fernando Gabeira, *O Crepúsculo do Macho*, vire a história de todos nós. Portanto, vote em quem quiser, desde que seja para "presidento" do Brasil. Aliás, a nomenclatura deve ser estendida a todos os cargos assemelhados, para evitar a necessidade do artigo definido antes do substantivo. Se for mulher, "presidenta"; se for homem, "presidento". Resta saber se devemos fazer o mesmo com gerente, dirigente, incumbente, proponente...